

Piauí

CASA DE SEMENTES DA FARTURA LAURO CHAVES DOS SANTOS



Sementes da Fartura germinam Sonhos e a Esperança de um futuro melhor na zona rural de Pedro II-PI

No Semiárido Piauiense, crianças aprendem a preservar o futuro por meio das sementes crioulas e tornam-se guardiões mirins da biodiversidade

No paiol (uma pequena casa coberta de palha e madeira da roça utilizada há décadas para armazenar sementes de arroz, feijão, milho, entre outras variedades), dentro de potes de barro, garrafas PET, surrões (sacos feitos de palha de carnaúba, árvore símbolo do Piauí), guardar as sementes da fartura é uma prática comum entre agricultores e agricultoras familiares do Semiárido nordestino.

Para além de uma alimentação forte em nutrientes destinada aos seres humanos e aos animais, sem o uso de venenos e aditivos químicos, esse patrimônio genético nos ensina a sermos resilientes, bem como a cuidar, proteger e amar toda a biodiversidade do sertão nordestino.

No assentamento **Pedra Branca**, a 20 km de Pedro II-PI, essa arte secular passa de pais e mães para filhos e filhas, de avós e avôs para netos e netas. Após a inauguração da **Casa de Sementes da Fatura Lauro Chaves dos Santos**, em 20 de julho de 2024, pelo **Centro Regional de Assessoria e Capacitação – CERAC**, com recursos do Instituto Sociedade, População e Natureza – **ISPN**, o sentimento de pertencimento, a vontade de compartilhar e aprender sobre as sementes nativas tomou conta da comunidade, contagiando também as crianças.

A agricultora familiar **Solange Chaves** se sentiu motivada pela casa de sementes, que trouxe um novo sentido para sua vida e semeou novas esperanças em sua caminhada. Essa também foi uma forma de honrar a memória do seu irmão Lauro, que a depressão profunda o tirou deste plano em 9 de agosto de 2013. Na época ele era animador de comunidades do CERAC e foi a inspiração para o nome da casa de sementes da comunidade. Ela conta que as sementes preencheram um pouco do vazio deixado pela perda de Lauro.

“De um tempo desse para cá, eu vivia me martelando sobre o que eu podia estar fazendo para honrar o que ele tinha vontade de realizar na comunidade, que era ver a comunidade crescendo, ver as crianças se desenvolvendo por meio de um trabalho voltado para as sementes crioulas, o quintal agroecológico, que ele tinha vontade, o sonho dele. Isso começou a mudar meu pensamento de estar auxiliando as crianças voluntariamente com a chegada da casa de sementes. Quando a casa de sementes chegou, o pensamento foi: agora é minha vez de colocar tudo para fora, o que tenho vontade.”

O nascimento da Escolinha de Agroecologia foi um chamado de Deus que preencheu o coração de Solange

Num certo dia, Solange resolveu plantar umas mudas de plantas ornamentais em frente à casa de sementes. Ela pediu a colaboração dos pequenos para limpar o local. Todos prontamente se mobilizaram e pegaram emprestados na vizinhança materiais como carrinho de mão, enxadas e vassouras e começaram a arrumar o jardim da casa. Eram sete crianças: dois filhos de Solange, **Maria Clara** e **Zaqueu**, além de **Caik**, **Kemily**, **Jéssica**, **Lucas**, **Elisiane** e **Aparecida**, todos com idades entre 6 e 15 anos. Quando, de repente, eles a surpreenderam com um pedido:

“Tia Solange, por que daqui não pode sair um grupo? Então eu respondi: - Oxe! Mas vocês sabem que é uma grande responsabilidade, mas vamos montar esse grupo. Pensem aí e reflitam qual é o nome do grupo. Aí eu falei assim: poderia ser Crianças Ativas em Ação. Quando percebi, eles tinham formado uma fileira do maior para o menor com os instrumentos de trabalho à frente. Eu cheguei a chorar nesse dia, chorei mesmo, me emocionei ao ver o tamanho de umas crianças daquelas dizerem uma palavra tão forte. Aí eu comecei a chamar eles para o quintal agroecológico para fazer aulas práticas. Eu falei assim: crianças, vocês sabiam que daqui vai sair coisa boa? Um dia mostrei ao Zé Maria, contei a ideia e ele disse que esses meninos seriam os guardiões e guardiãs e que eu seria a monitora dos guardiões. Eu fui no outro mundo e voltei.”



Todas as decisões tomadas por Solange sempre carregam a forte lembrança de seu irmão, Lauro, que, antes de falecer, trabalhou duro para que a sua comunidade se desenvolvesse. Solange sempre acreditou que as aulas de agroecologia três vezes por semana e as aulas práticas nos feriados tirariam as crianças das telas de celulares e as ensinariam a serem sujeitos ativos e resilientes. O que realmente está acontecendo.

“No mundo estamos tendo tanta depressão, tanta ansiedade, esses meninos anseiam por celulares. Por que não trabalhar com eles um momento de agroecologia? Aí falei com o José Maria, ele disse: pois pronto, se você quiser dar aula, pode dar aula. Aí pensei: mas como vou fazer? Precisa de caderno, caneta, lápis. Aí falei novamente com o José Maria, e ele disse: não se preocupe, se você se propuser, a gente dá um jeito nos cadernos e lápis. Antes dos cadernos chegarem, tinha vez que eu saía daqui às 15h30 e ficava até 16h30 só com alguma coisa por lá, enchendo algum saco de terra, plantando alguma coisinha. Aí, do nada, apareceu a estufa com os trabalhos dos meninos, conseguimos o material escolar e não paramos mais.”

E desde então, Solange Chaves, de maneira voluntária, começou a dar aulas de agroecologia para as crianças da comunidade. Ela fala que no início sofreu alguns questionamentos, mas nada que a fizesse desistir. Aos poucos conquistou a confiança dos pais e o carinho e respeito das crianças.

“Ah, mas tu vai dar aula e não vai ganhar nada? Eu vou ganhar conhecimento dos meninos mais novos, eles vão ganhar um pouco do meu conhecimento e eu vou aprender com eles. Recebi total apoio do José Maria e dos pais.” Ressalta Solange, com ar de felicidade no rosto e certeza de suas escolhas.

A paixão por plantas, o menino **Zaqueu Chaves**, de dez anos, herdou de sua mãe Solange e de seu Pai Agenor. Ele participa ativamente das atividades da Casa de Sementes Lauro Chaves como guardião mirim da biodiversidade. Ensinaamentos que ele leva muito a sério e coloca em prática no seu dia a dia.

“Eu acho a escolinha muito boa, porque a gente aprende a cuidar da natureza. Eu fiquei muito feliz quando a minha mãe disse que ia dar aula para a gente. Eu acho muito bom aprender com ela a valorizar nossa agricultura, nosso povo, nosso Semiárido. Eu me sinto valorizado, porque a gente está sendo reconhecido por muitos que a gente protege a nossa agroecologia.”

Para incentivar ainda mais a participação dos Guardiões Mirins da Biodiversidade, Solange costuma dividir as tarefas. Os mais velhos ajudam os menores e assim reforça o aprendizado de todos coletivamente. **Elisiane de Oliveira** tem 15 anos e foi eleita por todos como diretora da escolinha. Ela relata a emoção em fazer parte dessa história.

“Para mim é muito gratificante eles terem me escolhido como diretora, eu fiquei muito emocionada. Aprendi a importância das sementes, porque a gente não usa agrotóxicos, que prejudicam a saúde da gente. E quando eu tiver maior de idade, eu pretendo ficar no lugar da tia Solange, e também quero carregar o legado da nossa Casa de Sementes, da nossa comunidade e da tia Solange, porque se não fosse ela, a gente não estaria aprendendo essas coisas que estamos aprendendo na escolinha de agroecologia.”

Além de Elisiane, seu irmão mais novo, **Lucas de Oliveira**, de 6 anos, também é guardião mirim das sementes da fartura. Ele é muito carismático e apresenta com orgulho as sementes que também foram cultivadas por seus pais e avôs:

“Na escolinha de agroecologia é muito bom para mim, porque a pessoa vai aprendendo, ajudando a tia Solange, plantando as plantas. É muito bom. Essas sementes aqui são sem agrotóxicos. Essa daqui é de jerimum, fava, aqui é feijão, milho vermelho, gergelim, finaliza Luquinhas, oferecendo uma semente de chichá, fruto comestível, com sabor semelhante ao da castanha.”

Ao ver Elisiane e Lucas preocupados com o futuro da biodiversidade, **Natália de Oliveira**, mãe dos dois, presidente da Associação do Assentamento Pedra Branca e também guardiã das sementes da fartura, fica imensamente orgulhosa e certa da importância de transmitir esses saberes, que muitos jovens do campo desconhecem, além de fortalecer a autoestima deles e a responsabilidade de serem sujeitos ativos e capazes de transformar suas realidades:

“É um trabalho muito importante, pois a partir dele acontecem muitos intercâmbios que visam melhorar a qualidade das nossas sementes e trazer bastante conhecimento para dentro da comunidade. Após a escolinha, a mudança que percebo é que eles interagem mais, participando das atividades dentro da comunidade. Eles estão adquirindo mais conhecimento sobre nossos antepassados, pois hoje, para muitos, esses conhecimentos já são esquecidos. Quero que eles tenham um futuro brilhante sobre as sementes.”

As sementes da fartura transformam cada sertanejo e sertaneja em sementes do amanhã, guardiões da vida na terra. É essencial compartilhar esses saberes com as crianças, para que elas os transmitam às próximas gerações. Ao semear conhecimento, cultivamos também esperança, dando ao meio ambiente a chance de renascer, conclui Solange Chaves, a sertaneja que vem construindo sonhos e esperança no semiárido.

“Eu vejo nessas crianças muito futuro e, aos poucos, vamos lapidá-las para que, um dia, quando não estivermos mais aqui, o Senhor vos dê discernimento para que a história das sementes da fartura nunca se apague e que as mesmas se propaguem por toda a existência.”

